

Um certo percurso acadêmico e a literatura como
prática escritural: textualidades da nostalgia e do
dispêndio

Ludimila Moreira Menezes
ludimilammenezes@gmail.com

Ao reconhecer a fortuna nostálgica do relembramento, reencontro nessa comunicação um lugar cativo para o perviver, para a acolhida incondicional em registro de ventura de minha trajetória acadêmica e existencial desde o mestrado orientado pela professora Regina Dalcastagnè, que possibilitou a dissertação intitulada *Entreatos de uma vida não fascista*: as múltiplas faces de Patricia Galvão, e agora nas paragens desse doutorado orientado pelo professor Piero Eyben com a tese em andamento *Dos riscos e miasmas*: os apelos de um texto-pensamento em *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso. Longe de pleitear uma fisionomia de acabamento, esse relembramento persegue o risco da linguagem, o devir como promessa de que a vida acadêmica continue nessas sendas de produções, comunicações, congressos, seminários, amizades.

A literatura como dispêndio, não a categoria literatura em uma visada/morada universal, o romance de Lucio Cardoso como um domínio do excesso que articula vida, fracasso, tonalidades elegíacas de uma casa morrente, acessos ao limiar pecaminoso de uma liturgia ficcional, em um terreno assombrado por um tipo de unidade primordial desde um arranjo que, polifônico, se distende em perspectivas, pactos, testemunhos dissonantes que, ameaçada, não fraqueja diante do abismo. Selada sob uma regência barroca de matiz testemunhal, *Crônica* se desmesura ao promover o insensato do texto, aquilo de abalo, que se depõe sobre a experiência limite da literatura. A consequência da dicção de diário, de cartas dos personagens, apresenta uma articulação em cumplicidade, mas que inscreve a traição, entre ética e estética. Mesmo que no romance haja uma clara repercussão da religiosidade de alguns personagens em suas sondagens de mundo, vinga, sobretudo, uma sintaxe de sacrilégio na escritura do texto-pensamento.

Assim sendo, vigora em *Crônica* um jogo que, sendo escritural, prescinde do estatuto do significado transcendental, acontece na distensão do texto catalisada pelo rastro que presença, marca um apagamento. A força disruptiva do romance assenta as categorias família, passado, vício em uma narrativa-tormento plissada pelas faltas, pela inscrição do outro, eu-leitora, no movimento, nas modulações do texto. Nos rastros dos apelos irremediáveis subsumidos a partir do controle entrópico no texto escritural, focalizo a escritura como súplica que não ascende ao resgate pela calculabilidade da leitura pretensamente objetiva, utilitarista ou historicista. As personagens de Lúcio Cardoso remascam rotinas de cólera com seus rostos indiciários; assim, a incursão no limite da experiência com o outro nessa tese, em um efeito cascata, se aproxima da perspectiva que infiltra minhas demandas e as respostas às demandas do outro personagem, texto, autor, escritura.

As fulgurações da queda de uma centralidade narrativa são apresentadas nos capítulos do romance que adquirem feições outras, a disposição convencional é transfigurada em um mosaico de

conversas infundáveis. Há nesses relatos, ora confissões, ora diários, contínuas entregas de perdições. Diante de uma sintaxe de oscilante posfácio, a linguagem ameaça as garantias de uma suposta unidade em torno da experiência literária. Aqui, o escrever não reverte o dilaceramento do corpo anatômico catalisado pelas reminiscências do abandono e não abrandam o miasma das dezenas de histórias esbugalhadas e melancólicas. Parto do texto-pensamento sumamente agônico de *Crônica da casa assassinada* (1959) e, nesse périplo exorbitado pela linguagem incansável e irretocável, pelos apelos que irrompem significações, proponho, em risco, um estudo literário-filosófico que potencialize essa interação, priorizando o gesto de escrita dos personagens, a escritura vertida e os movimentos de despersonalização, de empoderamento frente ao outro, sempre estranhado na narrativa: “Importa fugir, salvar-me, pois tudo o que me cerca traduz um naufrágio, e tudo o que ainda subsiste em mim de instintivo refugia-se na única coisa que não me deixa soçobrar: a recordação” (CARDOSO, 2009, p. 370).

Graduada em história, reconheço nesse giro que epistemológico me lança a um espaço, a literatura, onde a reserva inesgotável do outro persiste por um gesto escritural seja da figura do escritor, ou do crítico. Vinculada à linguagem enquanto gesto, a leitura faz da literatura uma disseminação do pensamento. O gesto escritural como o acontecimento literário que rasura o caráter informacional da palavra, que distende a dimensão do significado para o limiar de outros sentidos que ele assume em seu próprio perfazimento ficcional, para além das diretrizes de um referente.

Roland Barthes, em seu *Aula*, ao discutir a língua como desempenho de toda linguagem exercendo um domínio fascista através de dois polos de atuação, seja a autoridade da asserção, seja o gregarismo da repetição, indica uma espécie de contradomínio, a literatura, que permitirá ouvir a língua fora do poder “no esplendor de uma revolução permanente” (BARTHES, 19, p.15). Para o autor, nessas superfícies de contato entre o signo e o referente sempre vigorarão os processos múltiplos de significação, o que tornaria a literatura categoricamente realista por ter como premissa o real sempre por objeto de desejo e irrealista por acreditar sensato o desejo do impossível:

Entendo por *literatura* não um corpo ou uma sequência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever. Nela viso portanto, essencialmente, o texto, isto é, o tecido dos significantes que constitui a obra, porque o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro. Posso portanto dizer, indiferentemente: literatura, escritura ou texto. (Barthes, 2015, p. 15-16)

Por uma crítica literária que opere desde as pulsões da linguagem que ressoam e fomentam uma interação entre texto e leitora, literatura um espaço potente de alteridade onde a produção de sentido e de diferença alcançam moradas outras que não as do estatuto icônico signo/significante, que não a época do logos (DERRIDA, 2011, p. 15). Como em um movimento de tornar-se outro incessantemente, o significante porta o lance do devir desde as possibilidades infinitas da leitura. Desde esse espaço de entendimento que minha atuação como pós-graduanda desse departamento se constrói.

Ainda em dicção de memorabilia, vale retomar meu périplo ao estrangeiro como bolsista do programa de doutorado sanduíche (PDSE/Capes) como estudante pesquisadora ligada ao Centre de Recherches Interdisciplinaires sur les Mondes Ibériques Contemporains, CRIMIC, sob orientação do professor Leonardo Tonus, que conheci em um curso de extensão oferecido pelo departamento sobre a obra do escritor Samuel Rawett. Das pesquisas bibliográficas nas bibliotecas da Université Paris-Sorbonne IV e da Bibliothèque Nationale de France (BNF), das conferências assistidas no Collège international de Philosophie, dos passeios à redação de parte da tese essa jornada é emblemática desse percurso que me traz aqui.

Como membro do grupo de pesquisa Escritura: Linguagem e Pensamento, coordenado pelo professor Piero, ressalto minhas atividades na organização e participação como comunicadora nos seguintes seminários: o IV Seminário Internacional Pensamento Intruso: literatura, filosofia e infinito (no limiar de Nancy & Derrida Jean-Luc Nancy e Jacques Derrida) e no V Colóquio Internacional: Cada vez, o impossível (10 anos sem Jacques Derrida). Destaco também minha participação no curso de extensão organizado pelo programa de pós-graduação em literatura da Universidade de Brasília (POSLIT-UnB), em parceria com a Capes, ministrado pela professora Daniele Levinas, “A filosofia sob o risco da literatura”, em setembro de 2013.

A prática da crítica em conversa infinita, textualidades, narrativas que ganham ressonância em capítulos de livros, em seminários, em congressos, em cursos. O ganho de mundos na experiência comungada com o outro conferencista, com o colega universitário, seja em uma ligeira interação no corredor da Casa das Rosas com a crítica, intérprete barthesiana Leyla Perrone-Moysés que, ao meu dito-seu de que a teoria literária fica mais interessante quando pensamos o texto como o lugar da sedução desde a leitura de Flores da Escrivantina, que das impressões novas compartilhadas como professora de introdução à teoria literária esboça um sorriso e fala do desejo de ensinar sendo tão próximo do desejo do crítico...

Lugares que se tornam cartões-postais em um remetimento contínuo de saudades e conhecimentos: do Colóquio Internacional Roland Barthes Plural, em junho desse ano, a Belém, que sediou a Abralic, intitulada Fluxos e correntes: trânsitos e traduções literárias. Ainda nessa evocação dos espaços impossíveis que a literatura viabiliza, permanece a paisagem de vales e montes de Palermo, Montevago, na Sicília, pela concreção das rochas e das partilhas ainda em acontecimento desde o curso ministrado por um dos teóricos, interlocutores tanto da linha de pesquisa em que atuo quanto do grupo de pesquisa Escrita, Jean-Luc Nancy sobre a literatura e o sexo. Proust, Bataille, Derrida, Sade, Barthes e nós estudantes, professores em uma comunidade inconfessável pela literatura...

Referências:

BARTHES, Roland. (2015). *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix.

CARDOSO, Lucio (2009). *Crônica da casa assassinada*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

DERRIDA, Jacques. (2011). *Gramatologia*. Trad. Miriam Chanaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva.